

Marie Louise Nery – uma vida dedicada à arte

Leila Bastos Sette Programa de Pós-Graduação em Artes Cênicas – UNIRIO Doutoranda – Métodos e Processos da Criação Cênica – Or. Prof. Dr. José Dias Bolsa CNPq
Cenógrafa, figurinista e professora de Artes Visuais do ensino médio e fundamental

Resumo: No momento em que as novas gerações de artistas determinavam a efetiva modernização da cena teatral brasileira, no final da década de 50, Marie Louise Nery chegou ao Brasil, desenvolvendo e enriquecendo a arte da criação cênica, principalmente, no campo do figurino teatral. A figurinista suíça, naturalizada brasileira, além da sua contribuição ao nosso teatro, durante mais de 50 anos, participou de diferentes produções artísticas, tais como: o Carnaval carioca, a Ópera e Ballet, o cinema e a televisão. Em todos esses meios deixou a sua marca de estilo inconfundível, em forma de poemas disfarçados de tecidos e máscaras.

Palavras-chave: Construção cênica; figurino teatral; caracterização

Na cerimônia de entrega do “Prêmio Zilca Sallaberry de Teatro Infantil 2008”, realizada no dia 3 de março de 2009, no Teatro Oi Casa Grande, Rio de Janeiro, o grandioso e mágico *Dragão Verde*¹ invadiu o palco em meio à fumaça cenográfica. Minutos antes, na coxia, ele se preparava para entrar em cena e, no entusiasmo daquele momento, não percebeu a presença emocionada da sua criadora que aguardava a merecida homenagem, junto a outras celebridades do nosso meio teatral. Afinal, são, aproximadamente, seis décadas consecutivas dedicadas ao teatro brasileiro e, grande parte desse tempo, ao Teatro O Tablado, centro de referência do teatro infantil e principal homenageado da noite. Naquele momento, Marie Louise sentiu-se duplamente gratificada, ao ver a entrada triunfal de uma das suas inúmeras e significativas criações.

A sua relevante contribuição às artes cênicas e plásticas, em diversos setores, no Brasil, fez com que o nome Marie Louise Nery ficasse conhecido como o sinônimo do elevado grau artístico e profissional, principalmente, ao que se refere à construção do figurino teatral. Um dos exemplos que comprovam esse fato é o Prêmio “Marie Louise Nery de Melhor Figurinista” oferecido no *Festival de Novos Talentos*, na década de 1990, promovido pela Rio-Arte, no Rio de Janeiro, com apoio do Mec e da Funarte.

Destacando-se desde jovem, na sua obstinada busca pela perfeição, revelou um estilo marcante associado ao profundo conhecimento técnico, teórico e o total domínio de diversos materiais, no ofício de artesã, conforme ela mesma prefere se designar. No entanto, diante da sua vasta obra de inestimável valor, é difícil dimensionar os limites entre os fazeres da artista, da artífice e da artesã.

¹ Boneco de grandes proporções animado por aproximadamente 10 atores, segundo o projeto de Marie Louise, da peça intitulada “O Dragão Verde”, de Maria Clara Machado, encenada em 1984, no teatro O Tablado, sob a direção da autora e rerepresentada em 2007, no mesmo teatro, sob a direção de Cacá Mourthé. Nos dois espetáculos Marie Louise construiu o Dragão.

Naquela noite de festa, no Teatro Oi Casa Grande, o *Dragão Verde* iniciou o espetáculo, momentos antes de Marie Louise Nery, Kalma Murtinho e Anna Letycia, entre outros famosos, serem homenageados. No ano anterior, as mesmas personalidades também receberam as homenagens do Centro Brasileiro de Teatro para a Infância e Juventude – CBTIJ e SESC Rio, na festa de comemoração dos "60 anos de teatro para crianças no Brasil", realizada no Espaço Sesc, em Copacabana. Na ocasião, Marie Louise estava entre os profissionais representantes dos anos de 1958 a 1967, junto à Anna Letycia, Fábio Sabag e Maria Pompeu.

Essas cerimônias atuais merecem ser registradas logo no início deste capítulo, cujo principal objetivo é tecer um breve retrospecto da vida artística de Marie Louise Nery. Na descrição de quase cinco décadas do incessante e incansável trabalho da artista dedicado às artes cênicas e plásticas, no Brasil, serão revelados fatos significativos que enriquecem a escrita da história recente do nosso teatro. Logo no início da brilhante carreira pode-se perceber que a sua aura de artífice (Sennet, R. 2009) também foi contaminada pelo brilho dos astros que orbitavam nessa trajetória, desde que chegou ao Rio de Janeiro. "Poeira de estrelas" (Brandão, T. 2002) que ilumina a história do teatro brasileiro, pois há mais de 50 anos Marie Louise vem trabalhando na construção da cena espetacular, deixando as marcas da sua técnica perfeita e do seu estilo inconfundível.

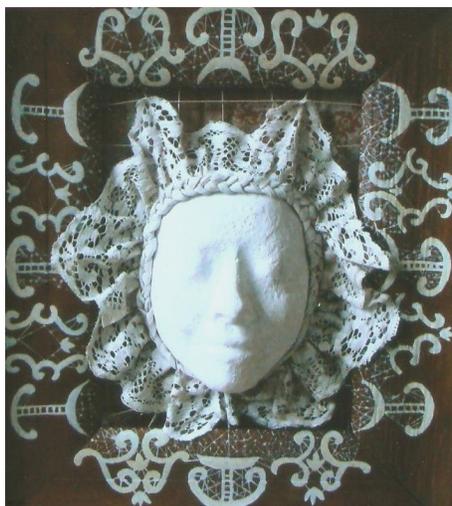


Figura 1 – Máscara em gesso de Fernanda Montenegro, 1961/1964.

O desafio maior que se impõem, no entanto, é inventariar o vasto conjunto da sua obra, na presente escrita, cujo objetivo é a reflexão sobre os sentidos e as linguagens dos trajes de cena, tendo em vista determinados figurinos de sua autoria, selecionados para esse propósito. A sensação é a mesma de se tentar vestir o gigante com a roupa do anão, pois a especificidade desse trabalho não comporta a diversidade da obra da artista plástica, carnavalesca, cenógrafa, figurinista, aderecista e ilustradora. A sua arte se irradia por diferentes meios de expressão artística, no domínio de diferentes linguagens.

Hoje, professora titular aposentada da Universidade Federal do Rio de Janeiro (UFRJ) e da Universidade Federal do Estado do Rio de Janeiro (UNIRIO), Marie Louise será eternamente lembrada pela sua atuação no cenário artístico nacional, não apenas como a primeira mulher carnavalesca, a melhor figurinista ou a premiada ilustradora, mas também pelo seu amor ao ensino das artes cênicas e plásticas – fator fundamental na formação de renomados artistas e professores.

No final do ano letivo de 2007, Marie Louise foi homenageada pelos alunos de Indumentária da UFRJ e, após a cerimônia, ela escreveu as dedicatórias em inúmeros exemplares do seu livro: “A evolução da indumentária – Subsídios para a criação do figurino”, publicado recentemente. Ricamente ilustrado pela própria autora, a bico-de-pena, apresenta os trajes das diferentes épocas e civilizações do mundo ocidental. Um raro exemplar de literatura sobre a matéria, em língua portuguesa, contém os moldes planejados dos principais trajes da história da indumentária, de todos os tempos e civilizações, beneficiando o aluno e o interessado no assunto, com o conhecimento das teorias e técnicas da construção do figurino teatral. A publicação desse livro concretizou o sonho antigo da Professora Marie Louise de oferecer uma literatura sobre a evolução da indumentária, no mundo ocidental, na língua portuguesa, visto que a maioria dos textos que tratam do tema é escrita em língua estrangeira.

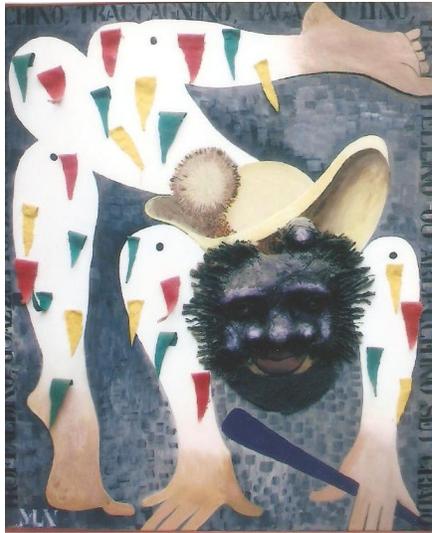


Figura 2 – Truffaldino, Guazzetto, ...Arlequino seu criado. (Acrílica e colagem, 51cm X 61cm)

Voltando, porém, à sequência de homenagens recebidas recentemente, outro evento importante marcou o ano de 2007, no mês do aniversário de Marie Louise ² e levou o teatro O Tablado a abrigar a exposição intitulada: “Mascarados” ³, que reuniu trinta pinturas de sua autoria, realizadas com técnicas mistas, em tinta acrílica e colagens, entre 1998 e 2000. Observa-se que as figuras das telas, algumas em relevo, parecem ter vida e o desejo de se libertarem dos suportes, como saltimbancos, para alçarem as dimensões do palco. Percebe-se que as suas pinturas, tais como os seus figurinos, adereços e demais objetos são essencialmente teatrais.

Nessa data festiva, também teve lugar a estréia do infantil “O Dragão Verde”, pela segunda vez, no palco do Tablado e o mesmo *Dragão* que a surpreendeu, na coxia do Teatro Oi Casa Grande, já havia se libertado do desenho no papel, compensando o desejo expresso na teatralidade das suas pinturas, em que as artes plásticas convergem para o teatro e vice-versa. Os figurinos de Marie Louise quando se libertam do plano imaginário e criativo dos seus croquis, ao vestirem os atores na encenação teatral, também, ganham vida e autonomia, formulando o sentido estético desejado.

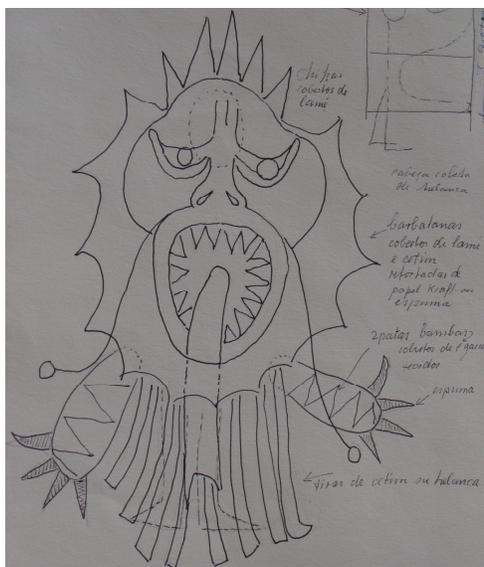


Figura 3 – Esboço do *Dragão*, de “O Dragão Verde”, de Maria Clara Machado, 2007.

Os trabalhos realizados por essa artista suíça-brasileira são valiosos e incalculáveis, contribuindo para o enriquecimento da arte e da cultura do nosso país, sobretudo, no âmbito do teatro infantil, infanto-juvenil e do teatro adulto, incluindo a Ópera e o Ballet. Em parceria com diversas celebridades da cena teatral brasileira, tais como: Ziembinsky, Gianni Ratto, Cacilda Becker, Glauce Rocha, Bárbara Heliodora, Pernambuco

² Em maio de 2007 Marie Louise Nery completou 83 anos.

³ No mesmo ano foi realizado um belo e poético vídeo, que nos mostra as imagens da artista naquele momento, intitulado: “Todos somos mascarados” – Uma visita à Marie Louise Nery, por Eloy Machado e Thomas Kaufmann.

de Oliveira, Fernanda Montenegro e José Dias, entre outros consagrados diretores, cenógrafos, figurinistas e atores, Marie Louise Nery, assim como Tomás Santa Rosa, engrandeceu o nosso teatro.

No cinema, nacional e internacional, a artista também se destacou e o seu pioneirismo no Carnaval lhe conferiu o título de “primeira mulher carnavalesca”. Em parceria com o falecido marido Dirceu Nery (1919 -1967) ⁴, artista plástico e cenógrafo lançaram as bases de uma nova estética dos desfiles das escolas de samba do Rio de Janeiro. Também, se dedicou intensamente à televisão, na década de 1970, ao criar mais de 150 objetos, entre bonecos e adereços, para a primeira versão da Rede Globo do *Sítio do Picapau Amarelo*, de Monteiro Lobato ⁵.



Figura 4 – Croqui da fantasia de Baiana. Escola de Samba Acadêmicos do Sanguêiro, 1968.

A nossa artista recebeu importantes prêmios, como: o Saci, pelos figurinos realizados para a Cia do Teatro dos Sete, no Festival de Comédias, em 1961; o Molière, em 1964, pela realização dos figurinos de "Mirandolina" encenada pelo mesmo grupo, além de ter sido consagrada com o título de “Melhor Figurinista Nacional”, na VII Bienal de São

⁴ “Dirceu Nery nasceu em Pernambuco. Veio para São Paulo e estudou desenho com Portinari. Medalha de prata do Salão do Interior, 1945 e medalha de ouro, 1946. Foi cenógrafo do Ballet Brasileiro e com ele viajou para a Europa. Em Paris estudou cenografia com o cenógrafo chefe da Ópera, Moulene. Executou para Marcel Pagnol os cenários da trilogia: Marius, Fanny e Panisse. Trabalhou na BBC como decorador dos programas de Patrícia Foy. Na Suíça executou o “Bumba-Meu-Boi” para a Exposição de Arte Brasileira do Museu de Etnografia de Neuchâtel” (Minicurriculo do artista contido no convite e programa da Exposição realizada no MAM de Belo Horizonte, no início da década de 1960).

⁵ Podemos apreciar o trabalho de Marie Louise Nery dessa época, através dos vídeos produzidos pela Editora Globo, da primeira versão do seriado de “O Sítio do Picapau Amarelo” (1977-1986), de de Monteiro Lobato, adaptada pela Rede Globo de Televisão. Nessa versão, Dirce Migliaccio se destaca como a boneca *Emília*, André Valli no papel de *Visconde de Sabugosa*, Zilka Sallaberry, em *Dona Benta*, Rosana Garcia, *Narizinho*, Júlio César, *Pedrinho*, Samuel Santos, *Tio Barnabé* e Romeu Evaristo, o *Saci*.

Paulo, na mesma época, pelos seus "sete anos de trabalho intenso dedicados, sobretudo, ao Teatro Infantil" ⁶, ressaltando a criação dos belos figurinos de "Sonho de Uma Noite de Verão", de Shakespeare, sob a direção de Maria Clara Machado, no Tablado.

Profissional incansável e de gênio inquieto, Marie Louise participou de inúmeras produções teatrais e cinematográficas, inclusive, na realização dos figurinos das Temporadas Líricas, das décadas de 1960 e 1970, no Teatro Municipal do Rio de Janeiro e de Niterói. Nas montagens realizadas nesse mesmo período, cujas verbas eram escassas, trabalhava com o reaproveitamento dos trajes cênicos, recriando os figurinos. Constatou-se, inclusive, que a escassez de verba e a falta de créditos em significativos espetáculos, fizeram parte da difícil trajetória artística inicial de Marie Louise junto a seu marido.



Figura 5 – Cena de "Sonho de Uma Noite de Verão", de Shakespeare, encenada em 1964.

Marie Louise da Câmara Nery nasceu em Berna, na Suíça, no dia 31 de maio de 1924 e, quando veio para o Brasil, na década de 1950, naturalizou-se brasileira. Filha de Marie Fol e de Frederic Charles Fol cresceu e foi educada sob os rígidos preceitos e costumes de uma família protestante, não evangelista. Segundo a figurinista, a história de Ítalo Calvino explica a filosofia e a cultura do seu país, base da sua educação.

Declaradamente "ovelha negra da família", a artista preferiu buscar novos rumos e, atraída pela nossa cultura – sua declarada paixão –, em 1957 chegou ao Rio de Janeiro, onde vive até hoje. Aqui sua criatividade transborda, inspirada nas paisagens repletas de gente morena, colorida e iluminada. A Travessa Santa Leocádia, em Copacabana, onde a artista fixou residência, se tornou o recanto ideal para gerar uma arte fortemente influenciada pela nossa cultura e centro de referência de vários artistas renomados da cena espetacular carioca.

⁶ Jornal *Correio da Manhã*. "Caderno Feminino". Rio de Janeiro. Domingo, abril de 1964.

REFERÊNCIAS BIBLIOGRÁFICAS

BARSANTE, Cássio Emmanuel. *Santa Rosa em cena*. Coleção Memória, v. 2. Rio de Janeiro: Instituto Nacional de Artes Cênicas, 1982.

BRANDÃO, Tania. "Ora direis ouvir estrelas: historiografia e história do teatro brasileiro". In: *Latin American Theatre Review*, 2002.

BRASIL, PALCO E PAIXÃO. Textos de Leonel Katz, Bárbara Heliodora, Tania Brandão, Sábato Magaldi e Flávio Marinho. Rio de Janeiro: Aprazível Edições, 2004/2005.

COSTA, Haroldo. *Salgueiro: Academia do samba*. Rio de Janeiro: Record, 1984.

NERY, Marie Louise. *A evolução da indumentária: subsídios para a criação do figurino*. Rio de Janeiro: Editora Senac Nacional, 2004.

ROSMAN, Martha. *Os melhores anos de muitas vidas: 50 anos de Tablado*. Rio de Janeiro: Editora Agir, 2001.

SENNET, Richard. *O artífice*. Rio de Janeiro: Record, 2009.